

Lectio Divina 1



Ser
misioneros
en todo lugar

"Anda y haz tú lo mismo" (Lc. 10.37)

Fiesta de la Gratitud Mundial 2026
HIJAS DE MARÍA AUXILIADORA

Tema: *Santa Maria Troncatti, Mãe*

Sugestões de canto:

Madrecita buena - https://www.youtube.com/watch?v=YouFjPP1Vxg&list=RDYouFjPP1Vxg&start_radio=1

Voy con todo mi corazón - https://www.youtube.com/watch?v=T-1sYZKeK60&list=RDT-1sYZKeK60&start_radio=1

Símbolos:

Coração (cartolina/veludo/tecido) – amor de mãe

Mãos de argila – mãos que cuidam, curam e protegem a vida

Pequeno berço – a vida frágil acolhida

Rosário grande – oração constante

Grande vela acesa – Cristo, luz que sustenta o dom

Palavra de Deus aberta – Deus que fala na vida

Imagem de Santa Maria Troncatti – santidade missionária amazônica

Palavras-chave: coração – oração – mãe – vida – entrega – amor – bondade

Invocação ao Espírito Santo

*Espírito Santo,
vem e abre o nosso coração.
Torna-nos sensíveis ao clamor dos pequenos,
ensina-nos a ler a tua Palavra a partir da vida
e a descobrir nela o rosto do Deus Mãe
que cuida, alimenta e dá vida em abundância. Amém.*

Lectio (Leitura): *O que diz o texto?*

Jo 15, 13

"Ninguém tem amor maior do que este: dar a sua vida pelos próprios amigos."

1 Ts 2, 7-8

"...embora podendo fazer valer a nossa autoridade de apóstolos de Cristo. Pelo contrário, fomos amáveis no meio de vós, como uma mãe que cuida de seus filhos. Assim, afeiçoados a vós, desejamos transmitir-vos não somente o Evangelho de Deus, mas a nossa própria vida, porque vos tornastes queridos..."

Em **João 15,13**, Jesus revela o próprio coração de Deus: um amor que não se retém, que não se mede, que se doa totalmente.

Dar a vida não é apenas morrer, mas viver para os outros, dia após dia, especialmente pelos mais pequenos e frágeis.

Em **1 Tessalonicenses 2,7-8**, Paulo usa uma imagem profundamente humana e revolucionária: Deus se expressa com entranhas de mãe.

Não é uma autoridade que oprime, mas uma ternura que cuida, uma proximidade que alimenta, protege e acompanha o crescimento.

Este texto nos mostra: o Deus da Vida, que se coloca ao lado dos fracos; uma espiritualidade encarnada, que se expressa em gestos concretos; um amor que escolhe os pobres, os marginalizados, aqueles que não contam.

Vida de Santa Maria Troncatti (SMT)

Este amor materno mencionado no texto aos Tessalonicenses é o mesmo que viveu SMT. Ela releu a realidade amazônica como um “texto sagrado”: crianças condenadas a morrer, doentes abandonados, povos feridos. E, como Jesus e como Paulo, não se limitou a anunciar, mas entregou a vida: resgatando, cuidando, acolhendo, educando, rezando. Em SMT, o Evangelho se fez carne de mãe, no sacrifício e no serviço à vida. Seu coração, alimentado pela oração, transformou-se em sinal visível do amor de Deus pelo povo shuar e por todos.

Da crônica de Sucúa: "Um dia uma mulher colona mestiça lhe disse que uma mulher shuar havia dado à luz uma menina com estrabismo e estava prestes a jogá-la no rio. Irmã Maria, sem hesitar, correu para pedir que lhe entregassem a criança para cuidar dela. Procurou uma ama de leite, fez a menina ser batizada e pagou durante um ano as despesas..."

O senhor Hilário Chiriap, sábio da saúde intercultural da Federação da Cultura Shuar de Sucúa, comenta a respeito: O povo shuar era eminentemente guerreiro, forte, trabalhador, caçador, nômade e corajoso. Por isso não se aceitavam no grupo crianças que, tendo nascido doentes, representavam fraqueza.

Os pais guerreiros e as mães trabalhadoras do campo aceitavam apenas filhos saudáveis e fortes. Somente esses filhos estavam preparados para ser treinados para a guerra, caça, pesca ou trabalho.

Segundo a tradição ancestral, quando nascia uma criança com alguma malformação ou fraqueza, era abandonada na floresta ou levada ao rio, onde, segurando-a pelos pés, davam-lhe um golpe sobre a rocha e a lançavam.

A crônica de Sucúa narra este tipo de salvamento que SMT praticou desde seus inícios em Macas. Ela percebeu essa dura realidade e nunca cedeu diante do valor de uma vida humana. Resgatava essas crianças, batizava-as, cuidava delas no convento. Quando estavam um pouco mais crescidas, procurava uma família adotiva a quem as confiava.

O abandono dos recém nascidos também acontecia com filhos nascidos de adultério, de mães adolescentes ou filhos de guerras familiares. SMT gostaria de salvar a todos. Habilmente criou uma rede de informantes que a avisavam desses casos, para poder socorrer rapidamente. Assim, na casa das irmãs na missão de Macas, aumentava o número de berços. Assim, desde os inícios, logo surgiu um pequeno orfanato, porque SMT sentia uma verdadeira paixão por aquelas crianças.

Em Sucúa, seu quarto ficava perto de uma janela voltada para a rua. Quase todas as noites alguém batia pedindo ajuda... "venha, Madrecita, minha esposa não consegue dar à luz!" "Meu marido está agonizando!" "Meu filho parece possuído pelo Iwianch (demônio)", "Madrecita, minha filha foi mordida por uma napi (cobra)!" Ela se levantava, pegava a maleta de primeiros socorros e sua lâmpada... deixando o seu merecido repouso... e entrava na floresta para cuidar, rezar e socorrer as pessoas nas suas necessidades físicas ou espirituais.

Entre os mais “fracos”, para SMT, estavam também os salesianos em formação, que chegavam muito jovens à Amazônia para fazer a sua experiência missionária ou aqueles que vinham da Itália já como sacerdotes missionários. Compreendia as suas fadigas físicas ao longo dos caminhos entre os perigos para visitar as comunidades shuar, distantes uma da outra para anunciar o Reino. Ao retornar à missão,

após semanas de itinerância, procurava de todas as maneiras dar-lhes alívio, oferecendo escuta, encorajamento, remédios, alimento, doces... Muitos deles são concordes em testemunhar: “Era para nós uma mãe boa e delicada”, “foi para todos um conforto constante”. Suas palavras e atenções foram inesquecíveis para cada um deles. SMT parecia forte e as pessoas sentiam nela um amor total sem interesses.

Por suas atenções, seus gestos de humanidade, seu olhar materno, desde os inícios de sua missão na Amazônia (Macas), era conhecida por todos como a “Madrecita boa”. Junto às primeiras comunidades de Macas, Sevilha Dom Bosco e Sucúa, deu início às obras: ambulatório, armário de medicamentos ou farmácia; escola; oficina de costura; terreno cultivado e, posteriormente, internato, orfanato, oratório festivo, atividades paroquiais, grupos marianos e o Hospital Pio XII.

De onde SMT tirava a força para realizar esse trabalho incansável? O testemunho da Irmã Josefina Genzone, FMA, menciona: “Caminhava sempre com o rosário na mão, rezando, e, mesmo quando tinha as pernas inchadas que a impediam de caminhar, levantava-se muito cedo e chegava sempre primeiro à igreja para acender a lâmpada do Santíssimo e rezar uma hora antes da oração comunitária”. A relação de SMT com Maria Auxiliadora foi profundamente filial e confiante.

A Irmã Maria viveu seu dom sabendo que não caminhava sozinha: Maria foi para ela Mãe próxima, protetora e guia, especialmente nos momentos de maior risco, cansaço e entrega. Nas longas noites da floresta, nos partos difíceis, diante dos doentes graves e das crianças ameaçadas de morte, SMT confiava-se a Ela com a simplicidade de uma filha que confia.

Seu amor por Maria Auxiliadora não foi devocionismo, mas existencial: aprendeu com Ela a socorrer, a ser mãe, a permanecer firme ao lado da vida frágil, a cuidar sem fugir, a esperar contra toda esperança.

Como Maria, SMT soube “estar”, sustentar e acompanhar, mesmo quando não podia mudar imediatamente as situações. Sob a proteção da Virgem, seu coração foi se configurando como um coração de mãe: forte e terno ao mesmo tempo, corajoso no perigo e delicado no cuidado. Assim, a presença materna de Maria foi para SMT fonte de consolo, audácia missionária e fidelidade cotidiana, e a ajudou a viver sua entrega total como resposta confiante ao amor de Deus.

Em SMT emerge de modo evidente a dimensão materna, que gera abundância de vida e encontra sua fonte numa profunda intimidade com o Senhor. É incansável no seu serviço aos pobres, aos pequenos, aos doentes e aos seus queridos shuar, que a chamam “madrecita”. Com paciência educa ao perdão, acolhe crianças que ninguém quer, oferece afeto, segurança e esperança, tornando-se educadora e catequista.

SMT anotava em seu caderno: “Agora já sou tua, Senhor! Quero ser tua para sempre. Jesus, deixei aquilo que mais amava para vir servir-te e salvar muitas vidas”. SMT viveu o “dar a vida” como um gesto cotidiano e radical, exatamente como Jesus. Salvou crianças condenadas a morrer, caminhou na floresta de noite, curou corpos e espíritos, foi mãe de órfãos, de pobres e de missionários cansados. Sua força nascia da intimidade com Deus: rosário na mão, adoração silenciosa, confiança absoluta.

Ela mesma escreveu: “Que me reste somente Tu, mas Tu me bastas”. Esse amor a guiou até o fim: entregou totalmente a vida, até a morte no acidente aéreo, como cume de uma existência gasta por amor.

Meditatio (Meditação): *O que o texto me diz?*

1. Quem são hoje “os pequenos” de que fala o texto bíblico em nossas Comunidades Educativas (CE) (crianças, jovens, mulheres, povos, migrantes, descartados, pessoas sem teto, refugiados...), ou seja, aquela vida frágil que espera meu cuidado?
2. Quais estruturas, costumes ou mentalidades continuam hoje a descartar a vida frágil em nossas CE, como acontecia na Amazônia encontrada por Santa Maria Troncatti?

3. Pensando no texto bíblico, que tipo de “autoridade” exerço: aquela “que pesa” ou aquela que “cuida como uma mãe”?
4. O que me custa mais no “dar a vida”: o tempo, a paciência, a renúncia ou a constância?
5. Quais perfis de estudantes, famílias ou educadores hoje se tornam invisíveis ou descartados?
6. Nossos estilos educativos e comunitários acompanham os processos ou exigem apenas resultados? De que modo se expressa o “coração materno” em nossas práticas pedagógicas?
7. Como estamos vivendo a “cultura do cuidado” (CG XXIV) em nossas relações, nos ritmos, nos estilos e nas decisões cotidianas?
8. O que significa hoje, para nós, “dar a vida” sem nos esgotarmos nem nos fecharmos numa atitude autorreferencial?
9. Quais traços do coração materno de Santa Maria Troncatti reconheço hoje no meu ser mulher consagrada?
10. Onde meu coração corre o risco de se endurecer por causa do cansaço, do temor de ser considerada fraca, da rotina ou do medo?
11. Somos comunidades onde é possível chegar de noite para “bater à janela” e ser acolhidos?
12. Como cuidamos da vida frágil dentro de nossas comunidades (irmãs idosas, doentes, cansadas ou em crise)?
13. Nossa oração realmente sustenta a missão ou se separou da vida concreta?
14. O que Santa Maria Troncatti está pedindo hoje a nós como comunidade profética neste lugar específico?

Atividades

- Cada participante recebe um coração de papel (post-it).
- Em silêncio, escreve o nome de uma pessoa ou de uma realidade frágil à qual hoje se sente chamado/a a cuidar e amar.
- Coloca o coração perto da Palavra ou da imagem de Santa Maria Troncatti.
- “Amar não é apenas sentir ou falar... é assumir a responsabilidade”.

Oratio (Oração): *O que digo a Deus?*

- Orações espontâneas diante dos símbolos. Após cada uma, canta-se o refrão:
Um coração tão grande como as areias do mar, mesmo que os anos tenham passado, não deixou de amar.

Em dois coros:

Senhor Jesus,
hoje não viemos com discursos,
viemos com o coração aberto,
dispostos a cumprir a tua vontade.
Tu conheces os nossos medos,
as nossas fragilidades,
e também a vida que pulsa em nós
e que quer entregar-se até o último suspiro.

Animador: Jesus, ensina-nos a amar sem medida.

Todos: *Dá-nos um coração de mãe.*

Animador: Jesus, ensina-nos a cuidar da vida frágil.

Todos: *Dá-nos um coração de mãe.*

Animador: Jesus, ensina-nos a unir oração e serviço.

Todos: *Dá-nos um coração de mãe.*

Cada participante: pega o coração de papel, aproxima-o do peito e, em silêncio, diz:

*Senhor, eis o meu coração...
torna-o semelhante ao teu.*

Colocam-se os corações junto da Palavra / SMT.

Contemplatio (Contemplação): *O que essa mensagem suscita em mim?*

Imagina Santa Maria Troncatti que te olha com ternura e sussurra ao teu coração:

“Não tenhas medo de amar.

Deus sustenta cada passo que dás pelos outros.

Cuida da vida... porque do resto Deus pensará”.

Silêncio orante.

Agora coloca a mão sobre o teu coração... e reza a Deus por ti.

Actio (Ação): *A que me compromete esta Palavra?*

Somos chamados a:

- Viver uma fé com gestos concretos de cuidado.
- Defender a vida frágil.
- Unir oração e serviço.

Compromisso como grupo/comunidade (FMA / CE).

Escrever numa folha:

«Como CE, queremos ser sinal de cuidado e ternura, especialmente para...»

(Ex.: *mencionar nomes e situações concretas: jovens frágeis, estudantes com dificuldades, famílias feridas, migrantes...*)

Educar é um ato profundamente materno: cuidar dos processos, respeitar os tempos, acreditar na vida que cresce.

Oração final comunitária:

Senhor Jesus,
dá-nos um coração como o teu,
capaz de amar até o extremo.
Faze que, como Santa Maria Troncatti,
saibamos doar a vida com alegria,
a serviço dos mais pequenos. Amém.

Sugestão para o canto final:

— **Como a su madre acuden**

https://www.youtube.com/watch?v=oloGk7HxuA8&list=RDoloGk7HxuA8&start_radio=1

— **Amar hasta el extremo**

https://www.youtube.com/watch?v=f8G4_-D0No&list=RD_f8G4_-D0No&start_radio=1

— **María, mírame**

https://www.youtube.com/watch?v=MOJyuna2a9g&list=RDMOJyuna2a9g&start_radio=1